

Pandemia e psicanálise. O mundo mudou: o que esperar depois de 2020?

Newton Aronis¹

Resumo: O trabalho inicia com um levantamento sobre as origens das pandemias, como uma tentativa de tomar uma distância e buscar na história uma compreensão da situação atual. A Revolução Francesa aparece como um marco na mudança social do enfrentamento nas crises de saúde e inaugura uma era conceitual da ideologia. Este conceito serve como um enlace para uma reflexão sobre os obstáculos a um pensamento criativo em psicanálise, utilizando as ideias de pluralismo, ideologia, ética e fundamentalismo, a partir de uma perspectiva superestrutural do aparelho psíquico.

Palavras-chave: Fundamentalismo. Pandemia. Revolução Francesa e ideologia.

As previsões têm, usualmente, um caráter especulativo, na psicanálise e na história. Algumas hipóteses podem ser formuladas, mas, em geral, articuladas com o acontecido anteriormente. Conhecer o passado para não repetir é uma afirmação que não causaria estranheza aos ouvidos de um psicanalista ou de um historiador.

A atual pandemia, com todos seus efeitos físicos e emocionais, não é algo novo, nem imprevisível. Choca-nos a quase instantaneidade com que nos atingiu, espalhando-se de forma rápida e obrigando o mundo a “ficar em casa”.

Estamos acostumados com a instantaneidade e quantidade das informações que nos chegam, também de maneira tóxica, mas estas não são tão apavorantes.

¹ Membro Fundador, Titular e Didata da SBPdePA.

Podemos evitar os excessos e ter algum controle da situação, como quando somos desafiados pelas drogas. Podemos ser ativos com as informações e as drogas. Com o vírus temos que esperar ter mais conhecimento e a vacina.

As situações difíceis podem nos estimular na utilização de um instrumento que nos permite seguir pensando. Tomar uma distância dos fatos (utilizar a telescopia) nos ajuda a diminuir a toxicidade da situação e a buscar uma forma de processar uma “ligação” (no sentido psicanalítico) dos sentimentos de ameaça e angústia que nos impõe a pandemia e as tensões políticas e sociais.

A necessidade do confinamento nos lançou a uma maneira de trabalhar remota, conhecida por alguns, inédita para muitos. Mas tratou-se de uma possibilidade valiosa para todos. Talvez mais cansativa, não sei se para todos. O isolamento mostrou uma qualidade intimista nas chamadas de voz, compensando um pouco a falta do presencial.

A ausência de contato profissional e social também pode ser um pouco compensada com as *lives* e grupos de WhatsApp. Mas tais maneiras de se comunicar virtualmente podem se tornar cansativas.

Em alguns momentos, ainda que as atividades tivessem um ótimo nível, a preferência era de poder ler ou pensar como forma de ligação da realidade vivida. O primeiro questionamento foi sobre o paciente zero. Na sequência, onde e como tudo começou. Epidemias, pandemias, enfermidades virais e bacterianas.

Uma resposta, à moda gaúcha, estaria relacionada ao momento em que nossos antepassados trocaram o churrasco pela salada e cereais! Ou, sendo mais respeitoso com a história, quando a sociedade de caça se transformou em uma sociedade agrícola. Harari (2015) se refere à mudança como a maior fraude da história. Teria baixado o padrão de vida.

Como psicanalistas, estamos acostumados a pensar nas questões de vida e morte, do mais singular ao mais complexo. Quando a sociedade avança, em algum sentido, silenciosamente costuma carregar junto um incremento na capacidade destrutiva. Pensando com Freud (1930/1986b), o mais nobre que nos habita convive com o mais primitivo. Mais adiante, pretendo retomar o assunto, desde uma perspectiva das ideologias e da ética.

A sociedade agrícola implicou uma vida em comunidades, cada vez maiores, em criação de animais confinados, em ações sobre o ambiente, modificando-o cada vez mais. Os ratos – sentido literal – passaram a acompanhar o homem em suas comunidades. Se pensarmos historicamente, é uma matriz de organização social que vem atravessando milênios. Me refiro ao aumento populacional, ações deletérias sobre o ambiente e animais em confinamento. São fatores que os epidemiologistas vêem como facilitadores de pragas.

Surgiram as epidemias e, posteriormente, as pandemias. As guerras e viagens comerciais permitiram uma velocidade maior na circulação das doenças contagiosas. Não é difícil entender que, hoje, com os grandes confinamentos de animais e mercados de alimentação exótica, associados a grandes populações, com uma circulação rápida de pessoas, surja uma pandemia como a de covid-19.

Os epidemiologistas estão constantemente prevendo catástrofes como essa. Ou piores. Nesse sentido, esta pandemia não seria, ainda, a “Big One”.

A primeira pandemia citada foi a Peste de Atenas, em 430 a.C. Ao longo da história, não parece ter havido grandes mudanças nos indivíduos, dado as desgraças sofridas.

Como podemos ver, na atual crise, as pessoas solidárias se tornam mais solidárias ou evidenciam mais essa qualidade. E as pessoas mesquinhas mostram mais seu egoísmo. Também surgem todos os matizes. Sabemos que a mesma pessoa pode ter diferentes sentimentos e manifestações em momentos diferentes. Como vemos em nossa clínica e, por que não, em nós mesmos.

São inegáveis as consequências sociais, políticas e históricas das epidemias e pandemias. A peste bubônica dizimou um terço da população europeia e coincidiu, não como causa principal, com o final da antiguidade. A varíola, levada pelos conquistadores, foi responsável pela morte da metade das populações americanas antigas. Os exércitos se encarregaram da outra metade. No entanto, os próprios exércitos perderam guerras enfraquecidos por epidemias.

Há uma referência curiosa acerca da “Doença dos Suores”, no século XVI, na Inglaterra, que teria interrompido uma reunião de unificação de duas facções protestantes. Estavam de acordo em quase tudo, divergindo em citações sobre pão e vinho como corpo e sangue de Cristo. Tinha-se aí um sentido simbólico ou concreto.

As epidemias seguiram ao longo dos séculos, sempre com a chancela de más condições de higiene, criação de animais, ratos e aglomerações. A segunda metade do século XIX teve seis surtos de cólera. A expectativa, hoje, é a de que somente em 2030 se resolva o problema do cólera, segundo a OMS.

A paralisia infantil, que em algum momento parecia resolvida, provocou a retomada da vacinação, por aparição de casos novos. Cerca de duzentos profissionais de saúde foram mortos no norte da Nigéria e Afeganistão, ao longo dos anos, por crenças e teorias conspiratórias, por parte de grupos fundamentalistas.

Até o final do século XVIII, o atendimento de doenças contagiosas não dependia do Estado. Era feito por associações de caridade, ligadas a grupos religiosos. Com a Revolução Francesa e suas influências, a assistência aos

enfermos, antes realizada por grupos religiosos, foi assumida por grupos civis. E, com o tempo, o Estado foi aumentando sua participação, sob demanda da população, e só recentemente se criaram organizações internacionais para combater epidemias, entre outras funções. Para os que tiverem interesse no assunto das epidemias e pandemias, com uma interessante análise social e política, recomendo o livro de Luiz Carlos Romero: *Saúde e política*.

Entramos na contemporaneidade. Como seremos chamados pela história? Era da revolução industrial? Era espacial? Era digital? Provisoriamente, pensaria na Era das Ideologias.

A Revolução Francesa, como outras, nos trouxe nobres ideais, contrastando com a forma violenta de seu desenvolvimento. Liberdade, Igualdade, Fraternidade coincidem com alguns de nossos ideais, transformados de certos erotismos. Se denominássemos Dignidade, Justiça e Amor, diríamos que são ideais, citados por David Maldavsky (1999, 2000), originados pela transformação dos erotismos fálico-uretral, anal primário e oral secundário. Verdade, Ordem e Beleza completariam a dinâmica dos ideais (oral primário, anal secundário e fálico-genital).

Os ideais formam parte do superego, tanto como a capacidade de auto-observação e a lei. Destutt de Tracy, um filósofo iluminista revolucionário, posicionou-se contrário ao terror vigente e propôs a criação de uma disciplina, Ideologia, como uma ciência das ideias, para purificá-las frente às distorções que surgiam quando eram levadas à prática. Destutt foi preso e quase decapitado, mas, finalmente, foi solto e recuperou sua posição, inclusive na Academia de Ciências. Ele priorizava o conhecer a natureza humana para restaurar a ordem política e social.

Mais tarde, Napoleão, que ironizava a nova ciência, responsabilizou os ideólogos por seus fracassos, estendendo o termo a todos os pensadores, como um modo de silenciar seus opositores.

Com o Marxismo (Ideologia Alemã), a ideologia adquire um novo status, como um instrumento crítico e componente essencial de um novo sistema teórico. Foram se alternando dois sentidos principais:

- a) Afirmção de um conjunto de ideias ou ideais.
- b) Instrumento de crítica frente a ideias contrárias a determinadas posições.

Meu interesse sobre a questão ideológica surgiu na sequência de uma preocupação epistemológica sobre o modo de produção do pensamento psicanalítico e a tendência a uma certa cristalização das ideias, transformando o revolucionário em burocrático. Ideias predominantes em um grupo,

instituição, ou até mesmo em um país poderiam ser dogmatizadas e usadas como instrumento político. Como um fenômeno que não só sobrevivia aos elementos formativos como poderia perpetuar-se através da própria instituição e sutilezas nos processos analíticos.

A ideia de um pluralismo continua vigente, mas, em certos momentos se transforma no que em algum momento denominei de pluridogmatismo. Quer dizer, uma instituição poder albergar vários referenciais, mas sem a escuta mútua.

A epistemologia, especialmente com Gaston Bachelard, deu-me condições de seguir refletindo sobre o assunto. Bachelard (1973, 1975) apontava para a debilidade do espírito, mais que para os obstáculos externos ou para a complexidade do objeto, como a maior dificuldade no ato de conhecer. A transitoriedade do conhecimento é um reconhecimento de que as teorias são modelos que lançam sombras sobre o lugar que iluminam.

Uma teoria deve conter as bases para sua posterior modificação. Bachelard trabalhava com a ideia de pensar os obstáculos (epistemológicos) no ato de conhecer. Tinha uma forma espectral de conceber as diferentes formas de pensar. Propôs o conceito de perfil epistemológico para entender, em cada ciência, os tipos de pensamento que configuram o conhecimento.

Pensei na ideologia como um obstáculo ao conhecimento quando, num sentido espectral, ultrapassa o sentido de ideias ou ideais que norteiam o pensamento, para se transformar em lei, anulando a capacidade de um pensar criativo. O pensamento fica subjugado a algumas ideias, exercitando-se para consolidá-las num certo fundamentalismo teórico. Se aproxima do que Bachelard denomina de obstáculo professoral. No qual o hábito da repetição pode tirar a criatividade.

Acredito que o obstáculo ao pensar não se dá apenas por motivos pulsionais diretos, mas, também, por suas consequências superestruturais. Um pensamento ocupando um lugar superegoico (psicologia das massas) produz um efeito dentro do espectro do estado hipnótico. Uma ideologia ocupa não só o espaço mental do pensamento, mas também se impõe como lei, como ideal, neutralizando a capacidade crítica e o pensamento autônomo.

O pensamento ideológico (ou ideologismo quando adquire as características de lei) pode interferir no nosso juízo crítico:

- a) Perda da capacidade da transitoriedade do conhecimento.
- b) Desmentido do que contraria a própria teoria.
- c) Desqualificação das teorias que se opõe à sua.
- d) Pode se adaptar a um pluridogmatismo (dificuldade na escuta, em psicanálise).

- e) Tendência a formar grupos de dominação.
- f) Eliminação de opositores (regimes autoritários).

A psicanálise contrasta, em sua essência, aos ideologismos, mas não está imune ao espectro ideológico. O pensador não deveria ficar capturado pelos pensamentos próprios ou alheios. Na filosofia, na ciência e na psicanálise.

A cultura europeia (e cito a Zizek no seu artigo *O espectro da ideologia*, 1996) inclui a teoria das ideologias na ordem do discurso. E desenvolve não só a crítica da ideologia como, também, a crítica da crítica à ideologia. É quase consenso que a ideologia surge quando tentamos evitá-la e deixa de aparecer onde se esperaria que existisse. Diz Zizek: “quando um processo é denunciado como ‘ideológico por excelência’, pode se estar certo que o inverso não é menos ideológico” (1996, p. 9).

Penso na teoria das representações e na capacidade mental de manter espaços sem representações. Estes convivendo com nossas melhores teorias. Uma espécie de espaço da incerteza. Zizek cita Lacan, com relação ao preenchimento do vazio simbólico, que se refere à parte da realidade que permanece não simbolizada e reaparece sob a forma de aparições espectrais (aqui no sentido de fantasma). A ideologia, no plano do discurso, seria justamente o preenchimento do vazio simbólico, o que faria pensar em uma teoria como completa. Talvez um desmentido de angústias ligadas à castração.

Não é o fato de escolher uma teoria que nos faz ideológicos, mas podemos ter consciência de que, além de evidências clínicas, outros fatores podem estar presentes na nossa opção teórica: transferenciais, institucionais, culturais, vivências pessoais, maior facilidade em pensar de uma maneira, etc. Não estamos, como analistas, atados a qualquer fidelidade teórica ou institucional.

Ultimamente, tenho pensado as configurações superestruturais do aparelho psíquico (superego) como um espaço mais aberto, afastado do determinismo psíquico, ainda que, podendo sustentar, como realidade teórica, sua predominância pré-consciente e uma forte influência pulsional destrutiva.

Nossa instância social parece não só ser influenciada ao longo de toda vida como pode funcionar como um espaço, em certos momentos, não contido por uma pele rígida, independente do grau de maturidade que atingimos. Como um espaço entre o fora e o dentro. Freud (1921/1986a) intuía esse funcionamento ao referir-se ao estado hipnótico no psiquismo do sujeito, ao pertencer a um determinado grupo. Necessidade de ser amado pelo líder e sentimento de desamparo podem ser fatores importantes, mas sempre fica algo em aberto.

Talvez um certo desamparo social, como uma angústia que nunca se neutraliza, possa explicar um pouco a necessidade de se alinhar com pensamentos comunitários, ainda com prejuízos funcionais na singularidade. Para pensar um pouco mais sobre isso, reformulei a questão dos ideais e, por que não, da ideologia, num espectro que inclui a ética, a moral e o fundamentalismo.

Entendo como ética, aqui, um sistema de ideais, plásticos e subjetivos, preservando uma autonomia do pensamento, da capacidade crítica e da lei introjetada. A convivência social nos leva a estabelecer consensos, entendidos como uma moral social, que pode estar próxima de uma ética ou tender a um fundamentalismo. Compreendo também o fundamentalismo como uma moral que se impõe como lei, sem possibilidade de crítica e estimulando a que tenham espaço somente as ideias compatíveis com essa moral.

O mais importante é poder pensar de uma forma espectral, não como instrumento de crítica social, como pode ocorrer com a ideologia, mas como a conscientização de que é um funcionamento que pode ser o de cada um de nós. Não me refiro a conteúdos sociais, políticos, psicanalíticos, mas especialmente a configurações formais de narrativas nas quais predominam as certezas.

Pensei em moral e fundamentalismo porque expressões como fascismo, por exemplo, estão carregadas de significado. Certos estados mentais podem ser descritos como morais ou fundamentalistas. Creio que é melhor que a expressão ideologismo que usei anteriormente. Mas são só esboços de ideias que podem ser modificadas. Apenas estou compartilhando pensamentos que vou organizando durante a pandemia, quem sabe para desorganizar depois.

Muitas vezes se fala em uma moral em nome de uma ética, ou em um fundamentalismo em nome de uma moral. Quem sabe a essência de um mal compartilhado não está justamente na fundamentação moral do mesmo que contradiga aquele que tem uma subjetividade e uma ética suficientemente forte para se opor à moral vigente.

Vivemos uma época de narrativas, na verdade de duelo de narrativas. Corremos o risco, se não tivermos fontes mais clássicas de estímulo ao pensar, de entrar numa rede de informações virtuais que estimulam a confirmação do que já se pensa. Parece haver nas mídias sociais um sistema algorítmico que fornece informações para fundamentação do que é curtido. Uma espécie de algoritmo do mal. Não fornece o contraditório.

A toxicidade não se dá somente pela quantidade de informações, mas pela repetição dos mesmos argumentos, como um sistema fechado, sem eliminação dos elementos tóxicos. Há momentos em que é necessário parar e pensar inclusive com as teorias. Nossa capacidade não deve ser medida pela quantidade

de conhecimentos acumulados, mas sim por uma capacidade de processá-los e utilizá-los com adequação e singularidade.

Estruturalmente, podemos falar em uma ética do desejo, parte da subjetividade. Como elemento social, superestrutural, pensaria na ética da singularidade, como o que sustenta nossa autonomia. O grande desafio é seguir pensando, convivendo com espíritos livres (outros pensadores) que nos ajudem a questionar, se necessário, até os fundamentos, mas bem fundamentados.

Pandemic and psychoanalysis. The world has changed: what to expect after 2020?

Abstract: The present work begins with a reflection on the origins of pandemics as an attempt to take a distance in order to seek in history an understanding of the current situation. The French Revolution appears as a milestone in the social change for coping with health crises and it inaugurates an ideology conceptual era. Thereafter, a reflection is made on the obstacles to creative thinking in psychoanalysis, using the ideas of pluralism, ideology, ethics, and fundamentalism, from a super-structural perspective of the psychic apparatus.

Key words: French Revolution and ideology. Fundamentalism. Pandemic.

Referências

Bachelard, G. (1973). *La filosofía del no*. Buenos Aires: Amorrortu.

Bachelard, G. (1975). *La formación del espíritu científico*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.

Freud, S. (1986a). Psicología de las masas y análisis del yo. In *Obras completas* (Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921)

Freud, S. (1986b). El malestar en la cultura. In *Obras completas* (Vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930)

Harari, Y. N. (2015). *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM.

Maldavsky, D. (1999). *Lenguajes del erotismo*. Buenos Aires: Nueva Visión.

Maldavsky, D. (2000). *Lenguaje, pulsiones, defensas*. Buenos Aires: Nueva Visión.

Romero, L. C. (2019). *Saúde e política: A ciência como protagonista da história*. Brasília: Outubro Edições.

Zizek, S. (1996). O espectro da ideologia. In S. Zizek (Org.), *Um mapa da ideologia* (pp. 7-38). Rio de Janeiro: Contraponto.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 08/09/2020

Aceito em: 07/10/2020

Newton Aronis
Rua Florêncio Ygartua, 391 / 502
90430-010 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: newton.aronis@gmail.com